Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa[1]

Entrevista por

Maria Manuela Mendes
CAPP-Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Ulisboa
CIES-Iscte, Lisboa, Portugal

Artigo recebido a 06/08/2026.
Aceite para publicação a 08/10/2026.

Resumo

Kali Musa, bailarina e modelo Cigana portuguesa de percurso transnacional, foi entrevistada sobre os modos como a moda e o movimento se tornam instrumentos de afirmação identitária. A partir da formação em Nova Iorque e da entrada na cultura *ballroom* e *vogue*, Kali descreve uma linguagem corporal que articula a dança flamenca com expressões contemporâneas, sem que isso dilua a condição cigana. Reflete, além disso, sobre a escassa presença de mulheres Ciganas nas artes e na moda, a diversidade das comunidades Ciganas, a erosão do Romani e a arte como memória e resistência face aos processos de racialização.

Palavras-chave: Mulheres Ciganas; Dança e moda; Representatividade.

Fashion, movement and representation of Romani women. Interview with Kali Musa

Abstract

Kali Musa, a Portuguese Cigana/Roma dancer and model with a transnational trajectory, was interviewed about the ways in which fashion and movement become instruments of identity affirmation. Drawing on her training in New York and her engagement with ballroom culture

[1] Entrevista realizada no âmbito do LabRoma, no dia 23 de julho de 2025, Centro Cultural de Carnide, Lisboa. LinkedIn: https://linktr.ee/kalimusa

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

and vogue, Kali describes a bodily language that brings *flamenco* dance into dialogue with contemporary forms of expression, without diluting her cigana/Roma identity. She also reflects on the limited presence of Cigana/Roma women in the arts and fashion, the diversity of Cigana/Roma communities, the erosion of Romani, and art as memory and resistance in the face of processes of racialisation.

Keywords: Cigana/Roma women; Dance and fashion; Representation.

Mode, mouvement et représentation des femmes Roms. Entretien avec Kali Musa

Résumé

Kali Musa, danseuse et mannequin portugaise issue de la communauté Rom, dont le parcours s'inscrit dans une trajectoire transnationale, a été interrogée sur les modalités à travers lesquelles la mode et le mouvement corporel peuvent constituer des formes d'affirmation identitaire. À partir de sa formation à New York et de son engagement au sein de la culture *ballroom* et du voguing, Kali décrit un langage corporel qui articule la danse flamenca à des formes contemporaines d'expression, sans pour autant dissoudre ni atténuer son identité Rom. Elle aborde également la faible présence des femmes Roms dans les arts et la mode, la diversité des communautés Roms, l'érosion de la langue Romani, ainsi que l'art en tant que mémoire et moyen de résistance face aux processus de racialisation.

Mots-clés: Femmes Ciganas/Roms; Danse et mode; Représentation.

Moda, movimiento y representación de las mujeres gitanas. Entrevista con Kali Musa

Resumen

Kali Musa, bailarina y modelo portuguesa Gitana/Romani con una trayectoria transnacional, fue entrevistada acerca de las formas en que la moda y el movimiento pueden convertirse en instrumentos de afirmación identitaria. A partir de su formación en Nueva York y de su vinculación con la cultura *ballroom* y el *vogue*, Kali describe un lenguaje corporal que pone en diálogo la danza flamenca con formas contemporáneas de expresión, sin diluir su identidad Gitana/Romani. Asimismo, reflexiona sobre la limitada presencia de las mujeres Gitanas/Romaníes en los ámbitos artístico y de la moda, la diversidad interna de las comunidades Gitanas/Romaníes, la erosión de la lengua Romani y el papel del arte como dispositivo de memoria y resistencia frente a los procesos de racialización.

Palabras clave: Mujeres Gitanas/Romaníes; Danza y moda; Representación.

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

O Projeto CIGA.A.MÚSICA foi financiado no âmbito do Programa BIP/ZIP 2024: Parcerias Locais, uma iniciativa estratégica implementada pela Câmara Municipal de Lisboa, inserindo-se na dimensão Ignição. Esta dimensão apoia iniciativas locais de proximidade com uma duração de 12 meses.

A entidade promotora foi a *Locals Approach*, que, desde a sua fundação, tem uma feição interdisciplinar, pautando-se pela utilização de metodologias de co-*design* para desenvolver soluções locais, combinando *expertise* em ativação comunitária para gerar inteligência coletiva. Além disso, enquanto associação, tem uma vasta experiência no desenvolvimento de projetos de intervenção comunitária por via das artes e das práticas artísticas, junto de contextos urbanos e de populações frequentemente estigmatizadas.

Kali Musa é uma bailarina e modelo (Headnod Agency, 2025) Cigana portuguesa com uma carreira internacional e que se afirma pela fusão entre tradição e modernidade (Crenshaw, 2022). No seu trabalho procura cruzar moda, movimento e expressão como forma de empoderamento, refletindo a sua identidade e perspectiva cultural como singular (Letras Nómadas, 2025). Desde cedo que Kali é apaixonada pela arte do movimento, tendo desenvolvido um estilo próprio que combina influências da dança cigana, do *flamenco* e de expressões contemporâneas (Guerra, 2025). Embora formada em *design*, estudou dança em Nova Iorque, tendo-se tornado dançarina e modelo; a sua paixão pela dança levou-a a fazer parte do musical de Jean Paul Gaultier, “Fashion Freak Show”, que passou por vários países, incluindo Portugal. Enquanto modelo, tem participado em desfiles, sessões fotográficas e projetos artístico-culturais que promovem a diversidade e a representatividade das mulheres Ciganas na arte e na moda (Teatro Nacional D. Maria II, 2023).

MUSA, Kali (2026),
“Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa”, Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

Imagem 1 - Kali Musa, Oficina de Moda e Movimento com Kali Musa / Bip/Zip CIG.A.MÚSICA, 2025.



Fonte: Arquivo do Projeto CIG.A.MÚSICA.

M.M.M.: Como é que começou o teu percurso no mundo da moda?

K.M.: Do mundo da moda, especificamente?

M.M.M.: Sim, do mundo da moda.

K.M.: Então, eu sempre fui bailarina. A dança sempre foi algo que fez parte da minha vida. E eu sempre gostei muito de moda, sempre me imaginei dentro do mundo da moda – mais como uma *designer*. Porque sempre foi algo que eu gostei, a maneira de expressar através das roupas. Mas, na verdade, eu, enquanto modelo no mundo da moda, internacionalmente também, foi algo que apareceu muito mais tarde, no seguimento de fazer parte da

comunidade *ballroom*, que é uma comunidade que surgiu em Nova York e que foi criada, essencialmente, por pessoas negras, trans e *queer*. É uma comunidade que é composta, maioritariamente, por pessoas racializadas e pessoas fora da norma, digamos assim. O que é que é norma, não é? Mas essa comunidade e essa cultura é uma cultura que explora muito a pesquisa, muito a arte e o movimento, a moda. E uma das coisas que surgiu dessa cultura é o estilo de dança *vogue*. E foi através do *vogue* – que hoje é essencialmente o estilo que eu faço e pratico, e que é uma dança em que a gente tem que estar sempre a vender beleza, a vender moda, a vender uma estética bonita –, foi através daí que eu comecei a compreender melhor como é que o meu movimento pode ser esteticamente mais bonito, como é que posso pôr também a minha essência dentro do movimento. Porque o *vogue* pede muito isso, não é? É uma técnica, é um estilo, mas que é muito particular para cada pessoa. E foi através daí que eu comecei, também, a ter mais contacto com o mundo da moda. E há outras coisas dentro da própria cultura *ballroom* que exploram também o desfilar, mas de uma maneira, se calhar, um bocadinho mais aberta, porque a gente vê que no mundo da moda existe muito aquele *standard* de beleza, não é? As pessoas têm que ser altas, magras, uma beleza muito particular. Na comunidade *ballroom,* nós exploramos isso, transportamos isso, mas para qualquer pessoa, qualquer corpo, qualquer identidade, qualquer género. E foi aí que eu comecei a explorar isso e comecei a ter muito gosto também por isso. E depois também fui tendo pessoas na minha vida que me foram incentivando a poder experimentar mais com a moda enquanto uma profissão. E, neste caso, aquilo que eu acho que mais me pôs em contacto com a moda foi quando eu fiz o *casting* do Jean-Paul Gaultier, que é um espetáculo de entretenimento, de dança, mas com moda também. Então aí foi quando eu realmente comecei a pôr isso à prova profissionalmente. E, a partir daí, eu acho que comecei a crescer também. Comecei a desfilar para algumas marcas, comecei a fazer sessões fotográficas, eu mesma também a querer explorar maneiras de eu poder-me expressar através da fotografia, porque eu acho que fotografia e vídeo também é uma coisa que sempre me interessou muito, a beleza que nós podemos transportar para um vídeo ou para uma fotografia. E pronto, foi assim.

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

M.M.M.: Então, e que conselho podes dar, por exemplo, às novas gerações de jovens Roma que querem aprender do mundo das artes, do mundo também da moda. O que é que lhes podes dizer, relativamente, tendo por base a tua experiência, que mensagem podes transmitir?

K.M.: Então, o que eu diria a qualquer pessoa era que, se nós queremos ser algo, vamos tentar encontrar, investigar isso a fundo. Então, se eu quero ser bailarina, eu vou tentar procurar as referências dos melhores bailarinos que eu consigo encontrar. E se eu não puder ter aulas com eles, eu vou investigar, vou procurar vídeos. Por exemplo, a maneira de eu desfilar, eu posso mesmo dizer que dou crédito totalmente às modelos dos anos 90, porque a quantidade de vezes que eu fui ver as passarelas e os modelos dos anos 90 – repeti, repeti, repeti, experimentei com o meu corpo. Mudou muito a forma como eu hoje desfilo e os trabalhos que eu faço hoje. Então, aquilo que eu primeiro digo a qualquer pessoa é exatamente isso: se é aquilo que tu queres ser, vai investigar e vai a fundo nisso, trata isso com seriedade. E às pessoas, neste caso a minha comunidade, à comunidade cigana, às pessoas Roma, aquilo que eu digo é que – não desistam de si mesmos, que ter sonhos faz parte de ser humano, ter sonhos é aquilo que nos move. E que a arte cigana é tão ampla e tão bonita, e a beleza cigana é tão diversa e tão única que, se houver mais, quantos mais Ciganos houver na moda, mais representatividade existe, mais diversidade existe, mais nós podemos também dar a conhecer ao mundo a nossa beleza, aquilo que nós temos para oferecer. E é isso. E qualquer profissão, independente de ser moda ou não, qualquer profissão que nós queiramos ser, nada disso nos vai tirar a nossa identidade. A nossa identidade cigana é, sendo eu modelo, bailarina, sendo eu feirante, sendo o que quer que eu seja. Eu vou ser sempre Cigana, onde quer que eu esteja. E eu acho que contribui muito para o meu povo, eu seguindo os meus sonhos, porque talvez uma criança vá olhar para mim enquanto uma figura feminina Cigana, que é possível para ela também.

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

M.M.M.: Qual a tua abordagem ao nível do trabalho que tens desenvolvido na área da dança?

K.M.: Eu acho que a arte e a dança às vezes é um grito, às vezes é contar, é uma linguagem para contar as histórias, e por isso a arte é muito presente, a música, a dança, são muito presentes na comunidade Cigana. Mas – isso não significa que a arte que eu faço enquanto artista seja a arte que a maioria das pessoas Ciganas fazem. Eu quando fui para Nova York tive uma formação de dança, foi contemporânea, foi *ballet*, foi danças urbanas, foi vários estilos criados em Nova Iorque. Aquilo que eu faço mais nem sequer é as danças ciganas. Então, eu, enquanto artista, também seria um pouco limitador se eu só fizesse danças ciganas. Sendo que, na verdade, eu nunca tive aulas de dança cigana. Eu danço! E é uma coisa que faz parte e que eu utilizo na minha arte, é a minha linguagem, com que eu cresci. E fundo isso com aquilo que eu aprendi. E daí eu crio a minha própria linguagem. E, da mesma maneira, a moda, a forma como eu me movimento, que eu acho que todas as pessoas que estão aqui vêm de um lugar, a forma como vocês, a vossa linguagem corporal vem das pessoas com quem vocês conviveram e eu coloco muito isso na dança, na arte, na moda e tudo mais. Então, não sei, se calhar podemos passar para essa parte, mais prática.

M.M.M.: Podes falar um pouco do *Ballroom*?

K.M.: O *Ballroom?* Quem conhece o *vogue* sabe do que estou a falar. Foi uma comunidade criada essencialmente por pessoas *queer* e trans, negras e latinas… e, estando dentro dessa comunidade multirracial, multiétnica, sobretudo formada por imigrantes, consigo compreender também a importância que, lá está, é a representatividade. Existem eventos da comunidade *ballroom* que são só para pessoas negras, por exemplo, ou que são só para pessoas racializadas, porque há muitas coisas a desconstruir em conjunto dentro dessas comunidades. Se eu um dia fizer um *workshop* para pessoas Ciganas só, eu não acho que esteja a segregar. Porque eu dou muitos *workshops* para qualquer pessoa; estou simplesmente a focar os meus objetivos daquele evento, daquilo que eu estou a

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

proporcionar, para aquele grupo. Sendo que, por exemplo, se eu der uma aula de dança para pessoas Ciganas, a minha abordagem, aquilo que eu vou trabalhar, a forma como eu me vou comportar, vai ser diferente. Por exemplo, da mesma maneira que, se eu fizer um *workshop* para pessoas só do *ballroom*, as pessoas que são só do *ballroom*, que são maioritariamente *queer*, pessoas trans, vão se sentir mais à vontade do que se for um evento para pessoas de qualquer idade, de qualquer origem, de qualquer... vão ser sempre abordagens diferentes. Eu não vejo qual é o problema. (...). Então a gente criou uma comunidade lá, estávamos sempre juntos, a apoiar-nos uns aos outros.

M.M.M: Encontraste outras pessoas Ciganas? Roma?

K.M.: Não, não, não.

Pronto, voltando à parte da arte. Como vocês já devem saber, a arte para pessoas Ciganas e, daquilo que eu vejo, para a maior parte das pessoas de outras etnias é algo que vem - é fruto, é uma história das suas vivências, ou seja, da história de cada povo. E também é um símbolo de resistência.(…) as palavras que a gente manteve do Romani e as conjuga em Espanhol, em Português… é um dialeto de urgência. A gente utiliza esse dialeto entre nós apenas e em momentos de urgência, em momentos que a gente precisa. Mas, hoje em dia, também se está a perder um pouco esse dialeto porque, quando perdes a consciência da importância, quando tu nem sequer tens consciência de que tens um idioma, ou seja… é um dialeto que está em extinção. E daí, já existem muitos grupos na Espanha que dão aulas a crianças, que dão aulas de Romani mesmo, que aprenderam com pessoas de fora. Ou alguns anciãos que ainda falam isso, que vão ensinando aos mais novos, que ensinam a outros. Isso é uma coisa que acontece em vários povos. Eu conheci pessoas indígenas da Austrália, que a luta deles já está bastante avançada em relação à nossa, e eles estão a ensinar o dialeto deles nas escolas, por exemplo. Ou seja, o que eles passaram é o que nós passámos, que é o que outros povos afrodescendentes passaram, indígenas, independentemente da origem. Porquê? Lá está, ser uma pessoa racializada num mundo que vê cores, num mundo que separa seres humanos, infelizmente, é visto como inferior. Tendo em conta a história e a trajetória.

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

M.M.M.: E como é que achas que as pessoas das comunidades Ciganas olham para ti? E as pessoas da sociedade maioritária?

K.M.: Eu não sei como é que elas me veem. Já deixei há muito tempo de pensar como é que as pessoas me veem, porque já me enganei muitas vezes. Muitas vezes, isso é uma projeção das nossas inseguranças. Quando pensamos como é que os outros nos veem, tem muito a ver com as nossas inseguranças. E já me surpreendi imenso com a quantidade de pessoas Ciganas que me celebram também, quando eu pensava que, se calhar, não me iam aceitar. Ou a quantidade de vezes que eu não fui recebida por pessoas não-Ciganas, quando eu achei que elas se calhar teriam uma mente mais aberta. Portanto, as coisas não são preto ou branco. Eu não sei o que é que as pessoas acham de mim, mas...certamente pessoas Ciganas e não-Ciganas vão achar que o que eu faço é muito irreverente, porque a verdade é que o que eu faço é visto muitas vezes como algo demasiado, muito irreverente, algo muito fora do padrão, para os Ciganos e para os não-Ciganos. Mas as pessoas que mais me acolheram até hoje, tirando obviamente, a minha mãe e a minha família de casa, são pessoas, são mulheres essencialmente, e são Ciganas.

M.M.M.: Tens estado em contacto com outros coletivos Ciganos e associações…?

K.M.: Sim. Desde que eu comecei a pesquisar mais sobre a história, e a perceber que é importante perceber a história, e tudo mais, comecei também a ter vontade de contar e de falar sobre isto. E de poder estar com outras pessoas que têm essa consciência, falar com pessoas não-Ciganas e com pessoas Ciganas também. Porque às vezes… nós sabemos o que é ser Cigano em Portugal, mas o que é ser Cigano no mundo, qual é a nossa história, é um pouco uma incógnita para muitos Ciganos.

Preservam isso porque não foram confrontadas com essas políticas. E é isso que eu estou a dizer. Quando eu digo que conhecimento é poder, é tanto na escola, como nós aqui a conversar, como dentro da comunidade Cigana, como fora da comunidade Cigana. Entendes? Foi a primeira vez que eu percebi que mais pessoas sabem sobre a minha cultura do que

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

quando eu fui à América. Pessoas sabem o que é ser Romani. Quando eu digo que sou Romani, penso – "Ah, mas cá não sabes o que é". Sei, sei. Sei sim que o teu povo vem da Índia, sei sim.

M.M.M.: Mas agora já encontras na esfera pública mais pessoas e, sobretudo, mulheres Ciganas?

K.M.: Sim, sim, sim. Mas porquê? Porque isto é discussão. Porque isto começa a... esse conhecimento chega a essas pessoas. Por isso é que eu acho que existe a necessidade de criar essa consciência cigana. Do que é ser Cigano em Portugal. Outra coisa que eu queria só dizer é que, sim, nós somos todos uma raça humana. No entanto, foi a América que criou o sistema de raças. Eu, quando vou à América... Isto é mesmo real, podes ver? Foi a América que criou... foi a América que criou o sistema de raças...

Eu, como vou acima de tudo estudar Sociologia, e permitiu-me hoje a chegar ao lugar onde eu cheguei, porque durante a minha infância e juventude, tive a oportunidade acima de tudo de participar em muitos projetos de intercâmbio. E o sair da minha zona de conforto, entre aspas, e estar em contato com outros países, outras realidades, outras pessoas, outros jovens, com problemas, muitos deles similares, mas outros diferentes. Mas, acima de tudo, ter sempre esta questão intrínseca da minha pessoa, de estar a perguntar sempre o porquê, levantam-me sempre muitas dúvidas durante a minha infância e o meu processo de crescimento. Porque é que as pessoas são mais pobres do que outras? Porquê é que em Portugal as pessoas tiveram problemas com assistência e têm um tratamento de saúde e não pagam nada? E outras pagam? Como é que o Estado funciona? Como é que o sistema funciona? Será que haverá aqui uma segregação racial? Como é que as pessoas se comportam? E, sobretudo, a questão do contrato social (...) levou-me a estudar muito essas questões. E acho que, muito antes de estudar essas questões de identidade, se as pessoas tivessem o mínimo de preocupação de estudar o contrato social e procurar saber como é que as sociedades modernas funcionam, como é que tudo aquilo que nós vivemos é suportado? Quem é que paga? E que consequência daqui se tem? Se calhar seria um fator muito mais

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

importante antes da questão da identidade. A questão da identidade é importante, mas é uma questão identitária. E aquilo que eu disse aqui, quando eu sigo nos Estados Unidos, e que acho que é cola, é aquilo que, acima de tudo, fomenta: como é que um país com mais de 200 milhões de habitantes, cuja maior parte deles são todos imigrantes, são filhos de imigrantes, tem uma entidade única e consegue ascender à maior potência do mundo? Porque, acima de tudo, há aqui uma vinculação, perante aquilo que são as normas sociais, os direitos sociais em que as pessoas se incorporam e sabem que vão para lá para trabalhar, vão para lá para contribuir. E vão para lá, acima de tudo, depois, em função do seu trabalho, são ou não recompensadas, para ter alguma exceção social. E muito se ouve dizer que na América, há países em que existe imensa segregação social, o que eu discordo muito, mas que, o que eu sei é que, na América é o país no mundo onde o negro mais vingou. O negro na América está representado em todos os quadrantes da sociedade. Nas artes, na música, no desporto, na política, tu encontras um negro. Eu tive a oportunidade de trabalhar com muitos deles. Portanto, aquilo que eu te responderei aqui, acima de tudo, e já falámos sobre isso, uma das coisas que me fez mais confusão, quando eu comecei a visitar muitos bairros e municípios em Lisboa, eu ia falar com criança, e quando eu perguntava: "O que tu gostas mais de fazer?" Eu ficava um bocado... Mas eu gostei de vir a Lisboa. Portanto, um dos problemas que eu sinto aqui é a questão do sentimento de pertença. De quantas vezes as pessoas acham que estão confinadas a um espaço étnico, a um espaço cultural, a um espaço racial, que eu, muito sinceramente, acho que continua a ser mais... Enquanto essas crianças não tiverem uma mentalidade muito mais aberta, vai ser muito difícil quebrar aquilo que nós levamos à Câmara de Lisboa, que nós estamos sempre a procurar fazer há pelo menos 4 anos, que é quebrar o ciclo geracional de pobreza. E os ciclos geracionais de pobreza são muito associados a sentimentos de pertença, a resistências sociais e normativas que, enquanto não forem quebradas de dentro para fora, vai ser muito difícil converter.

Há muitas questões que dá p'ra conversar por muito tempo. Primeiro, eu quero dizer que eu não posso falar por todas as pessoas Ciganas de Portugal. Eu posso falar da minha experiência, da minha família. Por isso, a gente não diz comunidade Cigana, a gente diz comunidades. Porque a comunidade em que o meu pai e a minha família cresceu é diferente daqui. Às vezes,

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

bairros na mesma cidade são diferentes. Então, há comunidades. Então, eu só posso responder mesmo pela minha experiência, enquanto ser individual, enquanto Cigana, e que ainda estou a desconstruir, a crescer.

Referências bibliográficas

CRENSHAW, Kimberlé (2022 [1989]), "Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics", *Contemporary Sociological Theory*, 1, p. 354.

GUERRA, Paula (2025), "Thina Curtis amid creative disorders. Fanzines, punk, improvisation, and critical pedagogy", *Genealogy*, 9(1), 3, https://doi.org/10.3390/genealogy9010003.

HEADNOD AGENCY (2025), *Kali Musa, dancer and model represented by HeadNod Agency*, Londres, HeadNod Agency. https://www.headnodagency.com/talent/dancers/female/kali-musa/headnod_kali_musa_6/ [consultado em 15 de setembro de 2026].

LETRAS NÓMADAS (2025), "A bailarina portuguesa 'orgulhosamente cigana' que se tornou musa de Gaultier", *Letras Nómadas*, Associação Roma, 12 de outubro. Disponível em: https://associacaoroma.wixsite.com/letrasnomadas/post/a-bailarina-portuguesa-orgulhosamente-cigana-que-se-tornou-musa-de-gaultier [consultado em 15 de setembro de 2026].

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (2023), "Homo Sacer" [Maria Gil e Teresa V. Vaz, direção e dramaturgia], *Odisseia Nacional*, Lisboa, TNDM II. https://www.tndm.pt/pt/odisseia-nacional/pecas/homo-sacer/ [consultado em 15 de setembro de 2026].

Kali Musa.
Artista Independente. Pctª Sebastião da Gama n.º 7, 2º Esq., 2745-837 Massamá, Portugal.
E-mail: kalimusakali@gmail.com

Maria Manuela Mendes *(autora para correspondência)*.

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP), Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, CIES-Iscte, IUL, Portugal. Campus Universitário do Alto da Ajuda, Rua Almerindo Lessa, 1300-663, Lisboa, Portugal. ORCID ID: 0000-0002-5269-8004.
E-mail: manuela_mendes@iscte-iul.pt

MUSA, Kali (2026),
"Moda, movimento e representatividade das mulheres Ciganas. Entrevista com Kali Musa", Entrevista por Maria Manuela Mendes,
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 207 – 219.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55ent1